

# Brasil, ameaça à

*Economia  
Brasil*

- 6 DEZ 1985

## saúde da economia do mundo.

### Opinião do jornal americano.

No próximo dia 9, chega a Nova York o presidente do Banco Central, Fernão Bracher (foto), para reiciar as conversações com o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira que representa oficialmente os 700 bancos privados estrangeiros. Os acontecimentos mais recentes levam a crer que o Brasil proporá mais uma extensão ao acordo da fase 2, cujo prazo termina no dia 17 de janeiro.

Com a aproximação destas negociações, aumenta o interesse da mídia norte-americana sobre a problemática da dívida externa não só do Brasil, mas da América Latina em geral. Um exemplo disto é a série de artigos publicada pelo The Wall Street Journal — o jornal para assuntos econômicos mais respeitado no país — focalizando a questão do endividamento externo, mas traçando paralelamente um panorama da situação interna dos países.

Em sua edição de ontem, o Journal dedicou um grande espaço — com manchete na primeira página — ao Brasil e aos paradoxos de sua economia, ressaltando que atualmente a crise da dívida interna ultrapassou até mesmo a proble-

mática dos endividamentos externos, e se transformou na maior ameaça à saúde econômica nacional.

Isso porque, de acordo com o artigo, enquanto o questão da dívida externa parece estar sob controle — ou seja, o Brasil está cumprindo até agora com seus compromissos —, internamente crescem as “enfermidades” que podem ameaçar o futuro da Nação, tornando mais nebulosas as relações com o Fundo Monetário Internacional e até diminuindo as chances do Brasil ser incluído no plano econômico do secretário do Tesouro americano James Baker.

#### Sucessos

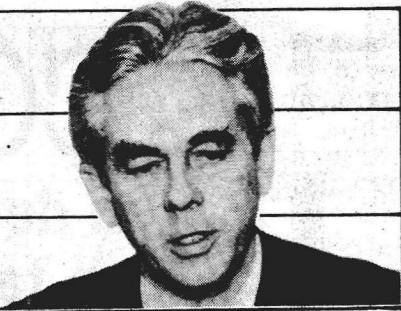
A partir daí, o Journal faz uma avaliação da situação econômica interna e conclui que neste momento o Brasil vive uma batalha de sucessos e fracassos. Ou seja, de um lado o País conseguiu eliminar o déficit de US\$ 16 bilhões de sua balança comercial registrado em 1982 e, mais do que isso, obteve um superávit de US\$ 530 milhões no ano passado, através do aumento das exportações. A taxa de crescimento econômico deverá chegar a

7% até o final deste ano, contra apenas 1,5% alcançado há três anos. Para engordar esta fatia de sucessos, o Brasil tem US\$ 11 bilhões em reservas.

Todo este saldo positivo é suficiente, segundo o jornal americano, para o País estar em dia com seus compromissos externos. Porém, paradoxalmente, o Brasil não conseguiu atingir boa parte do programa do FMI, no que diz respeito a uma reestruturação interna destinada a construir uma economia saudável. Além disso, segundo o artigo, nada foi feito para desmantelar o complexo sistema econômico brasileiro de indexação, enquanto o País ainda sofre as consequências da inefficiência das empresas estatais.

De acordo com um analista estrangeiro citado no artigo, “os subsídios às estatais drenam os cofres do governo, mas mesmo assim o País ainda está longe de uma privatização mais efetiva, já que, com base no novo plano econômico anunciado na semana passada pelo presidente José Sarney, mesmo com a colocação de ações à venda o governo continuará tendo a maior participação”.

Aliás, o journal acredita que es-



te plano não deverá satisfazer ao Fundo Monetário Internacional, nem aos banqueiros estrangeiros ou mesmo ao governo dos Estados Unidos. Isso porque, mesmo que o governo pretenda reduzir o déficit orçamentário através do aumento dos impostos, “nada está sendo feito para reduzir o impacto inflacionário decorrente do sistema de indexação”.

Para agravar esta situação, sinaliza o artigo do jornal americano, a falta de entendimentos em relação à política de ajustes da economia pode levar o Brasil a ter maiores problemas com o FMI. “Mesmo que o governo brasileiro diga que não precisa de dinheiro novo, ele não poderá recorrer aos bancos sem a aprovação do Fundo.”

Conforme especulações levantadas pelo The Wall Street Journal, o Brasil acabará seguindo o mesmo caminho da Argentina, ou seja, abandonará a relutância inicial em tomar medidas mais sérias de reestruturação até ser forçado a adotar resoluções austeras por causa da ameaça de uma hiperinflação.

**Eliane Gamal,  
de Nova York.**